

## THALES DE AZEVEDO: ciclos temáticos e vigência na comunidade acadêmica<sup>1</sup>

*Maria de Azevedo Brandão*

Escrever sobre alguém muito próximo é, pelo menos, embaraçoso. Como tratá-lo? Registrar mais ou menos méritos? Descer ou não a certos detalhes? Minha opção será a de aproveitar, no possível, documentos originais, inclusive também do acervo documental de minha mãe, Mariá David de Azevedo, e os dados de memória, por informação direta. Por outro lado, reconheço a possibilidade de falhas, sobretudo, quanto a datas, devido à inconsistência entre alguns registros, à incompleta pesquisa em curso no gigantesco acervo Thales de Azevedo, ainda em fase de identificação, e ao fato de não se ter podido consultar outros arquivos.

Embora fieis à documentação trabalhada, os dados a seguir são, por isso, ainda em parte incompletos, pelas razões acima e pelo fato de que não dispomos ainda de um levantamento da fortuna crítica do autor, o que torna escassas e talvez até impróprias algumas das minhas avaliações. Com

<sup>1</sup> Além da orientação inicial da Professora Maria Cecília Cardoso, do IEB-Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, registro aqui a colaboração de Andréa Viana, Janaína Calaça de Sá e Luiz Fernando Calaça de Sá Junior nesta fase de identificação do material. A revisão de linguagem e normalização bibliográfica é da responsabilidade da autora.

estas advertências, começo com alguns dados biográficos e vou adiante por textos e temas, atividades e fontes citadas pelo autor e sua vivência no meio acadêmico. Listando ao máximo nomes de pessoas, procuro contribuir um pouco para permitir ao leitor a reconstrução do ambiente em que essa vida e sua história se passaram, sobretudo na Bahia.

Este ano, 2005, marca o primeiro decênio do falecimento de Thales de Azevedo,<sup>2</sup> nascido em Salvador, em 26 de agosto de 1904.<sup>3</sup> Estudou (1914/19) no “Colégio dos Jesuítas”, o Antônio

<sup>2</sup> Agosto de 2005 relembra, além disso, dois momentos significativos em referência a Thales de Azevedo: o cinquentenário da fundação da ABA-Associação Brasileira de Antropologia; e os 40 anos do início da destruição do Instituto de Ciências Sociais da UFBA, duas instituições que tiveram sua intensa participação.

<sup>3</sup> Thales Olympio Góes de Azevedo nasceu a 26 agosto de 1904, na Rua do Hospício – hoje Rua Democrata – em continuação ao Largo 2 de Julho – em Salvador, filho mais velho da Profa. Laurinda Góes de Azevedo, de família sergipana, e do Farmacêutico Ormindo Olympio Pinto de Azevedo, fundador da antiga Farmácia Piedade, na Praça da Piedade – esquina da Rua da Força, um dos pontos de encontro, no início do século passado, de médicos e outros profissionais da área de saúde. Teve quatro irmãos – Helena e Noélia, professoras, Thales de Azevedo foi sobrinho de Ramiro de Azevedo, pioneiro na pesquisa e trabalho relativos à tuberculose, e teve por

Vieira, ligando-se, no final do curso, ao grupo de estudantes, geralmente mais adiantados, ex-alunos e outros, liderados pelo Pe. Luiz Gonzaga Cabral, S. J., do qual participaram, entre outros, Herbert Fortes, Otacílio Lopes, Francisco Mangabeira Albernaz, José de Faria Góes Sobrinho, Joaquim Araújo Lima, Carlos Cohim Ribeiro, Hélio Simões, Berilo Neves, Augusto Alexandre Machado, Antônio Bulcão, Jayme Cerqueira Lima. O Círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica-CCEMA atraiu personalidades como Sylvio Deolindo Fróes, Amélia Rodrigues, Theodoro Sampaio, Carlos Chiacchio, Egas Moniz de Aragão Júnior, tendo sido um dos seus presidentes Anísio Teixeira.<sup>4</sup> Ainda segundo Thales, repetindo informação de Jorge Amado, este, quando estudante do Colégio, também fora influenciado pelo Pe. Cabral.

Depois do curso secundário, Thales trabalhou por três anos (março de 1919/março de 1922) na Casa Tude (Tude, Irmão e Cia), firma de exportação e importação de Plínio, seu padrinho de ba-

avô paterno José Olympio Pinto de Azevedo, catedrático de Química Médica e Mineralógica e um dos diretores da Faculdade de Medicina da Bahia no início do século XX, deputado provincial e diretor do Ginásio da Bahia e da Instrução Pública (como interino). Entre os irmãos, apenas Renato, casado com Edith Mendes de Aguiar Azevedo, teve quatro filhos: Renato Olympio Góes de Azevedo Jr., Administrador de Empresa e empresário, Luiz Henrique A. Azevedo, Geofísico, professor da UERJ e empresário, Márcia Magno, Artista plástica-escultora, professora da UFBA (única residente na Bahia), e Miriam de Azevedo Sá Rego, Administradora de Empresa, especialista em Recursos Humanos. Casou-se com Mariá Freitas David, diplomada em piano, também de família baiana, com vários profissionais de nível universitário, na maioria integrados ao Exército como oficiais médicos e engenheiros, inclusive seu pai, médico que serviu no Alegrete, Rio Grande do Sul, onde ela nasceu. Somos oito irmãos: Maria David de Azevedo Rebouças Brandão, Socióloga e professora da U. Federal da Bahia; Sylvia de Azevedo Rabello Leite, Assistente Social; Paulo Ormindo David de Azevedo, Arquiteto, professor da U. Federal da Bahia e empresário; Isabel Maria de Azevedo Moreno e Augusta Maria de Azevedo Barnuevo, professoras; Thales Olympio Góes de Azevedo Filho, Engenheiro e empresário; Firmo Augusto David de Azevedo, Arquiteto, professor da U. Federal da Bahia e empresário; e José Roberto David de Azevedo, Administrador de Empresa e empresário. Sua descendência inclui, até o presente (outubro, 2005) 31 netos e mais 28 bisnetos, com a expectativa imediata de mais 3 bisnetos.

<sup>4</sup> Em 1917, o Pe. Cabral passaria a coordenar a recém-criada Congregação Mariana Acadêmica (1916) e criaria o Círculo Católico de Estudos da Mocidade Acadêmica (1917/23), de que um dos presidentes fora Anísio Teixeira. Cf. AZEVEDO, Thales de. Um momento da vida intelectual na Bahia (1917-1938). Salvador: Centro de Estudos Baianos, UFBA, 1986. Publicação 121.

tismo, e Eudoro Tude. Ali conheceria, como seu supervisor, Frederico Edelweiss, mais tarde professor da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – hoje Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, integrante da Universidade Federal da Bahia. Dono do que viria a ser uma das mais valiosas bibliotecas particulares do estado, Edelweiss o apoiaria na decisão de fazer o curso superior (1922/27)<sup>5</sup> e o influencia em seu interesse por estudos de etnologia e história. Além disso, deve ter tido influência no futuro convite de Isaias Alves que tornaria o próprio Thales professor de Antropologia da Faculdade.

## JORNALISMO E MEDICINA

Médico e professor, como costumava se identificar, Thales foi também homem de imprensa e começou a escrever, ainda estudante de medicina, em um jornalzinho diocesano de Ilhéus e para as seções de estudo do CCEMA. Em 1924, realiza um estágio na Imprensa Oficial da Bahia, obtido do diretor do órgão, também docente da Faculdade de Medicina, Prof. José de Aguiar Costa Pinto, onde aprendeu, com Arthur Arésio da Fonseca, as notações usadas na revisão tipográfica. Pouco depois, ingressa no jornal *Diário da Bahia* (1925), onde trabalhou com Henrique Cândia, que logo o promoveu de revisor a *noticiarista* e onde publicou o seu primeiro artigo de jornal sobre as virtudes medicinais das águas de Caldas de Cipó, sertão da Bahia. Nesse período, teve por companheiros Jayme Junqueira Ayres e Adalício Nogueira, então estudantes de Direito. Entra em seguida para *A Tarde*, onde foi encorajado pelo fundador e diretor do jornal, Ernesto Simões Filho, a *escrever*. Ali convive com Aloysio de Carvalho – o também poeta *Lulú Parola* –, Antônio Marques Pinto, Aristóteles Gomes, Tadeu Santos, Jerônimo Sodré Vianna – “o temível (crítico irôni-

<sup>5</sup> Não só Edelweiss, mas o tio por afinidade, o dentista Elias Baptista, amigo de Frederico, e minha mãe, bem antes de casar-se, inconformados com a função de “caixeiro” para Thales, insistiram em sua desistência de vir eventualmente a fazer carreira no “comércio”.

co e homem de esquerda) *Jesovi*” –, Epaminondas Berbert de Castro, Wenceslau Galo, Gilberto Valente, Luiz Viana Filho, José Valladares.<sup>6</sup>

Para esse jornal escreveu por mais de 60 anos, durante os quais acompanhou, com admiração, a direção sucessiva de três respeitados redatores-chefes – Armando de Campos, Ranulfo de Oliveira e Jorge Calmon, este desde 1949. Começara sem regularidade, mas acabou tornando-se um articulista de produção freqüente e, por fim, semanal até a antevéspera de sua morte. Em 1975, com a reorganização do jornal, Simões Filho o incluiu entre os seis colaboradores permanentes de *A Tarde*.<sup>7</sup> Na década de 40, ele mesmo dirigira *A Sema-na Católica*, órgão local do que viria a ser a Ação Católica Brasileira, e desde 1938 fora membro da Associação Baiana de Imprensa. Sua sensibilidade pelo cotidiano e sua diversidade de interesses têm certamente, em parte, origem na atenção aos *faits divers* herdada dessa experiência jornalística.

Em 1927, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, recebendo distinção pela tese inaugural *Fibromyomas do útero: notas e estatísticas na Bahia, 1927*.

Durante o curso, foi “interno supra-numerário” da Cadeira da Clínica Ginecológica do Prof. José Adeodato de Souza, na Enfermaria Santa Marta do Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia (abril de 1924 a dezembro de 1926) e “interno efetivo” do Ambulatório de Ginecologia do mesmo hospital (17 de abril a 30 novembro de 1927), sob a direção do Dr. Galdino de Magalhães Ribeiro, experiências das quais derivou a tese supramencionada.

A turma de médicos diplomados em 27 de dezembro daquele ano notabilizar-se-ia pelo freqüente convívio entre alguns de seus membros, sob a designação de Núcleo de 27,<sup>8</sup> e pelo desta-

que alcançado por vários deles. Dela participaram, além de Thales, José Silveira, famoso por seu trabalho em pesquisa e combate à tuberculose, Abrahão Pereira de Almeida, Aderbal Salles, Alício Peltier de Queiroz, Augusto Públio Pereira, Álvaro Ferraz, Antônio Simões, Arnaldo de Assis Tavares, Benjamim Alves de Carvalho, Barbosa de Mattos, Bráulio Xavier Filho, Carlos Moraes, C. Costa, Diógenes Vinhaes, Eládio Lassere, Emanuel Motta, Flaviano Marques, Francisco de Borja Portella, Hamilton Velloso de Almeida, Hosannah de Oliveira, Jayme Saldanha, Joaquim Guedes de Mello, Jorge Valente, José Barbosa Negrinho, José de Figueiredo, José Moreira Pinto, Lourival de Freitas Carvalho, Luiz de França Ribeiro Barros, Luiz Passos, Luiz Rogério de Souza, Manoel Jerônimo Ferreira, Manuel Guimarães Correia, Mathias Mariani Bittencourt, Orville Velloso de Almeida, Oscar Gordilho, Otacilio de Carvalho Lopes, Paulo de Tarso Ribeiro Gonçalves, Pedro de Oliveira, Quintino Castellar da Costa, Raymundo Almeida Gouveia, Venício Boaventura, Vivaldo Palma Lima, Walter Costa, Washington Landulfo,<sup>9</sup> Vivaldo Palma Lima que radicou-se na Amazônia e Otacílio Lopes que tornar-se-ia “respeitado clínico em Campinas”, São Paulo, conforme testemunho de Thales.<sup>10</sup>

Sua primeira tarefa como médico - identidade profissional mantida por mais de 40 anos e acumulada, a partir de 1943, com a de professor universitário, nomeado no ano anterior Catedrático de Antropologia (15 de dezembro de 1942) – foi *em comissão*, pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia, no pri-

Semana do Doutorando, em que os formados fariam, perante alguns dos professores do curso, uma conferência demonstrando sua competência para o exercício da medicina. Vários membros da turma de 27 participaram da primeira semana, mas estas não foram muito adiante. Silveira, entretanto, manteve os encontros mensais, realizados em restaurantes da cidade, que ele próprio freqüentou até a década de 80 e que teve como participantes mais assíduos Antônio Simões, Raymundo Gouveia, Luiz Rogério de Souza e Thales de Azevedo. Lista parcialmente composta por T. Azevedo, Memórias, complementada por dados publicados pelo jornal *A Tarde* à época.

<sup>9</sup> Cf. Notas publicadas na ocasião em *A Tarde*. Lista sujeita a revisão.

<sup>10</sup> Cf. AZEVEDO, T. Memórias, 1990/91. (Inédito).

<sup>6</sup> Cf. AZEVEDO, T. Memórias, 1990/91. (Inédito).

<sup>7</sup> V. CALMON, Jorge. “O jornalista”. *A Tarde*, Caderno Cultural, 2 dez. 1993, p.1.

<sup>8</sup> Durante quase 60 anos alguns dos colegas residentes em Salvador procuraram reunir-se para almoço, mensalmente nos dias 27, contando várias vezes com a presença de residentes fora da Bahia. Segundo Prof. José Silveira, a quem agradeço estes dados sobre os diplomados de 27, a história do Núcleo deriva de uma iniciativa sua de criar a

meiro semestre de 1928, em campanha de vacinação, no combate à peste bubônica no Município de Itambé, sertão da Bahia.

Em seguida, clínica em Castro Alves, Agreste da Bahia (1929-1933), onde convive com o clínico local Rafael Jambeiro. Publicaria mais tarde um romance, narrando aspectos das lutas políticas na região – *Foi Deus não acontecer nada* (1984) – com orelha escrita por Jorge Amado.<sup>11</sup> Ali foi também Verificador de Óbitos credenciado pelo Serviço Médico Legal do Estado da Bahia (27 de maio de 1932 a 21 de fevereiro de 1934) e Inspetor Estadual de Ensino (1930), nos municípios de São Félix, Cruz das Almas, S. Felipe, Afonso Pena, Muritiba e Santa Terezinha, nas regiões Recôncavo e Agreste, designado pelo Eng. Archimedes Pereira Guimarães, sergipano, que, por vários anos, residiu e trabalhou em Salvador. Nesse período, fez o seu primeiro curso de aperfeiçoamento – em Aparelho Digestivo e Tuberculose – na 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o baiano Prof. Clementino Fraga (1931).

Deixa Castro Alves no início de 1933 e começa a clinicar em Salvador (1933/43), onde passa por uma série de curtos empregos em tempo parcial, até seu ingresso na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública. Em 1933, começa a ensinar Inglês no Colégio Nossa Senhora da Vitória (Maristas) e História Natural no Colégio Antônio Vieira.<sup>12</sup> Nessa fase, faz estágio de cinco meses (1933-34) na Clínica da Cadeira de Dermatologia e Sifilografia do Prof. Eduardo Rabello, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, onde obtém o certificado de “Assistente”. Em 27 de outubro de 1934, torna-se o primeiro médico, como interino, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos – IAPM, Delegacia da Bahia, quando era Delegado Estadual o Eng. Oswaldo Augusto da Silva. Em 1936, assume a função de médico

auxiliar do Serviço de Peste da Bahia, na 5ª Delegacia Federal de Saúde, pedindo exoneração do seu cargo no IAPM em 07 de janeiro de 1936, atendida em 1º de fevereiro de 1937.

Na Faculdade de Medicina, em 01 de abril de 1936, é nomeado assistente do curso de Botânica Aplicada à Farmácia, a convite do Prof. José A. Costa Pinto, e trabalha também como Assistente da Cadeira de Zoologia e Parasitologia, tendo por catedrático o Prof. Alexandre Leal Costa, ambas disciplinas do Curso de Farmácia, então ligado à Faculdade de Medicina. Trabalha também como Assistente Extranumerário da Cadeira de Parasitologia (1937) do Curso de Medicina, sendo catedrático o Prof. Antônio Luiz Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto, com quem divide consultório na Avenida 7 de Setembro – trecho de S. Pedro, centro de Salvador. Em 1956, voltaria brevemente ao ensino em Medicina, tornando-se Professor Conferencista da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, a convite do fundador e Diretor da Escola, o otorrinolaringologista Orlando Castro Lima.

Inicia sua carreira de médico da *saúde pública* na Secretaria do Conselho de Assistência Social da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública, nomeado pelo Secretário Agripino Barbosa. Com Isaias Alves como Secretário, é transferido ao Gabinete, de onde solicita sua reclassificação para o quadro do Departamento de Saúde Pública, o correspondente à atual Secretaria de Saúde. Trabalhando como médico sanitário a partir de 02 de agosto de 1938, serve no 1º Centro de Saúde – na Vitória, no 3º Centro – na Calçada, e como analista e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz/Ba.

Em 1940, *em comissão*, faz o Curso de Extensão sobre Alimentação e Nutrição, na Universidade do Brasil, dirigido por Josué de Castro, de quem se tornaria amigo, e a partir do que intensificaria sua atuação como médico sanitário, com ênfase em questões de nutrição. Entre 1947-49, foi médico da Inspetoria de Propaganda e Educação Sanitária, chefe da Seção de Higiene da Alimentação e Assistente do Diretor do Departamento de

<sup>11</sup> Um engano registra aí a região de Castro Alves como parte do Estado do Espírito Santo, e não da Bahia.

<sup>12</sup> Não temos ainda registro do final desse período no ensino secundário.

Saúde Eduardo Mamede (20 de março de 1956). Em 26 de abril de 1966, solicita aposentadoria, obtida no início de 1968, então à disposição, desde alguns anos, da FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NA BAHIA, criada por Anísio Teixeira em 1950. Além de Eduardo Mamede, trabalhou na *Saúde Pública*, entre outros, com Cezar de Araújo, José Maria de Magalhães Neto, José Isidro Gadelha e Álvaro Bahia.<sup>13</sup>

#### PROFESSOR E PESQUISADOR<sup>14</sup>

Como professor universitário, além de sua passagem pela Faculdade de Medicina, como assistente dos cursos de Farmácia e Medicina, lidera, em 1942-43, a criação da Escola de Serviço Social da Bahia, instalada em 1944, unidade pioneira da Universidade Católica do Salvador. Foi diretor entre 1944/54 e professor até 1967.<sup>15</sup> Mas os marcos decisivos de sua dedicação ao ensino e à pesquisa foram o convite, em 1942, de Isaias Alves, para

integrar o corpo docente da Faculdade de Filosofia, criada em 1941, onde ensinou entre 1943-68, aposentando-se, depois de férias e licença prêmio, em setembro de 1969,<sup>16</sup> e o convite, em 1943, por Osvaldo Valente, então diretor do Arquivo Municipal de Salvador, para escrever o *Povoamento da Cidade do Salvador*, 1949, um dos trabalhos da série EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE DO SALVADOR, comemorativa do IV Centenário da Cidade (1549-1949).

Devido à sua formação em medicina, Thales de Azevedo foi encarregado da 1ª Cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia, cuja matéria integrava os currículos de Geografia e História e de Ciências Sociais. Nela, ele deveria cobrir temas de Antropologia Física e evolução humana, mas a enviesaria progressivamente para assuntos de Antropologia Social. Por sua vez, a preparação e o êxito da obra *Povoamento da Cidade do Salvador*<sup>17</sup>, que se dão nesses anos iniciais de ensino na Faculdade, significariam um salto definitivo em sua vida profissional, tornando-o um autor conhecido nacionalmente.

Outros de seus trabalhos foram também premiados, porém *Povoamento*<sup>18</sup> o foi por três vezes: a primeira foi com o grande prêmio criado pela Companhia de Seguros Aliança da Bahia, em co-

<sup>13</sup> Alguns documentos indicam que nesse período, em 06 de novembro de 1947, Thales teria solicitado reintegração ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, requerendo aposentadoria em 24 de março de 1970, concedida em 02 de janeiro de 1972.

<sup>14</sup> V. CALMON, Pedro. "Nós, os jovens" (discurso no Instituto Geográfico Histórico da Bahia, 28 ago. 1984). A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, 16 set. 1995, p.8; OLIVEIRA, Waldir Freitas. "Eterno Thales de Azevedo". A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, 16 set. 1995, p. 7; CALASANS, José. "Um grande velho". A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, 2 dez. 1993, p.1; AZEVEDO, Paulo Ormino de. "História e memória". Revista do Instituto Geográfico e Histórico, Salvador, n. 92, 1996, p. 49-55; PERÉS, Fernando da Rocha. "Um sábio do Nordeste", A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, 16 set. 1995, p. 3; SENA, Consuelo P. "Meu convívio com dois mestres das humanidades". Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, ano LXVIII, n. 12.696, 26 abr. 1984, p. 9-10; BOAVENTURA, Edivaldo M. "Thales de Azevedo em três cenários". Revista do Instituto Geográfico e Histórico, Salvador, n. 92, 1996, p. 43-48; BRANDÃO, Maria de Azevedo. "Thales de Azevedo: a herança fecunda". Revista da Academia de Letras da Bahia, Salvador, n. 43, mar. 1998, p. 465-484.

<sup>15</sup> Thales conta aí com a colaboração de Dahyl Teixeira dos Reis, Marfisa Simões de Araújo, Mons. Eugênio Veiga, Orlando Bahia Monteiro, Álvaro Bahia, Graziela Cerqueira Baggi, José Maria da Costa Vargens, Magno Valente, Agenor R. Almeida, José Newton Alves de Souza, Airton Bessa Cirino, Pe. Antônio Monteiro, Tomás de Araújo Correa e a participação de Tolstoi de Paula Ferreira, Ruth Silveira e Célia de Paula Ferreira – estes, vindos de São Paulo para a implantação da escola. Constam ainda da lista de fundadores Henriqueta Martins Catarino, Anfrisia Santiago, Cônego Eliseu S. Mendes, Dalva Ma-

tos, Guiomar de Castro Borges, Leocádia Sá M. Catarino, Laurinda Góes de Azevedo, Isabel Foeppe, Oráida Serbeto de Barros, Arnaldo S. P. Valente, Margarida Dultra, Almerinda M. C. Meireles, Almerinda Novis, Fernando de S. Paulo, João da Costa Pinto Dantas Júnior, Renato Bião, Mário Laert Moreira, Alberto do Rio, Jayme Cerqueira Lima, Didier do Rego Maciel Neto, Carlos Balalai de Carvalho, Benedito José Alves, Francisco dos Reis Beltrão, Dulcelino da França Monteiro, Júlia Gambôa Pereira de Carvalho, Armênia da Silva Reis, Helena Góes de Azevedo, Stela Santos Varjão, Antonieta Padilha de Souza, Marieta Pacifico Pereira, M. Angélica B. M. Catarino, Olímpio Teixeira de Carvalho e Marieta Alves. Cf. Escola de Serviço Social da Bahia. Bahia, 1945, primeira publicação informativa sobre a Escola.

<sup>16</sup> Ao deixar a direção da Faculdade, em setembro de 1967, Thales viaja ao exterior, reassumindo sua função de professor entre 31 de janeiro e 02 de setembro de 1968, aposentando-se por idade ("compulsória") em 6 de dezembro de 1969.

<sup>17</sup> *Povoamento* contém três partes ditas "capítulos", integradas por 30 capítulos, citando 32 fontes documentais entre inéditas e publicadas e 291 publicações entre livros e artigos, incluindo dois índices: assuntos e locais e pessoas e autores citados.

<sup>18</sup> V. BRANDÃO, Maria de Azevedo. "Povoamento da Cidade do Salvador: história de uma arquitetura social". Revista da Bahia, Salvador, v. 32, n. 29, jun. 1999, p. 16-21.

memoração do IV Centenário da Cidade do Salvador, para “a melhor obra, inédita ou não, sobre a Bahia”. Concorreram ao Prêmio Literário Aliança da Bahia (1950), além de *Povoamento*, onze outros trabalhos de história – de Antônio Loureiro de Souza, Arnold Wildberger, Marieta Alves, Eduardo Tourinho, Belmiro Valverde, Humberto Bastos, J. F. de Almeida Prado, Pedro Calmon (dois trabalhos), Edgard de Cerqueira Falcão e Afonso Rui, além de três obras de literatura – de Wilson W. Rodrigues, A. Soares de Azevedo e Mário Brandão Torres. A comissão julgadora, composta por Octávio Mangabeira (Presidente), Lúcia Miguel Pereira (Relatora), Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima e Anísio Teixeira, selecionou inicialmente quatro trabalhos “que sobrepujaram sem a menor dúvida os demais” – *História da Literatura Baiana e História da Fundação da Bahia*, de Pedro Calmon, *A Idade do Ouro da Bahia*, de J. F. Almeida Prado, e *Povoamento*, justificando o primeiro lugar para o último, pela

... importância das pesquisas originais (...) Se não supera os outros (três) em méritos literários, tem sobre eles a vantagem de representar um estudo mais profundo e minucioso em torno de assunto da maior relevância para o conhecimento da formação baiana. (Parecer da Comissão, 5 de dezembro de 1950)

O segundo prêmio foi conferido em abril de 1951, pelo Governo do Estado, Prêmio (Joaquim Monteiro) Caminhoá, criado para distinguir “a obra mais destacada do período”. Em seu parecer, a comissão julgadora – formada por João Américo Prager Fróes, José Antônio do Prado Valladares e Alberto Silva – afirma:

O livro do Dr. Thales de Azevedo, que tão merecidamente concorre ao Prêmio Caminhoá, constitui, diga-se de pronto e sem reboços, um bom livro. Bom livro por várias razões: pelo plano elevado com que foi traçado e executado, pelos três capítulos magníficos em que está desdobrado, pela erudição que ressuma de suas citações, pela lógica que transnuda dos seus conceitos, pela honestidade que surge das suas conclusões, pelo volume de pesquisas beneditinas que valorizam as suas notas. Bom livro, enfim, pelo estudo sociológico e antropológico profundo, erudito, espalhado pelos seus três capítulos, ponto alto do trabalho e razão do seu grande mérito. (Parecer da Comissão, abril de 1951)

Finalmente, no mesmo ano, *Povoamento da Cidade do Salvador* recebeu o Prêmio Cultural de Interpretação do Brasil e Portugal Larragoiti Junior, da Academia Brasileira de Letras (1951). *Povoamento* certamente pesou na outorga a Thales da Medalha Machado de Assis (1977) e da “distinção máxima”, o Prêmio Machado de Assis, ambos pela própria Academia, o último proposto por Jorge Amado.

Naquele mesmo período, trabalhando com Anísio Teixeira, então Secretário de Educação e Saúde do Estado, em 1949 foi encarregado de dar apoio ao PROGRAMA DE PESQUISAS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA – COLUMBIA UNIVERSITY (1950-53), de que logo em seguida tornou-se membro da coordenação, ao lado de Charles Wagley – Columbia University – e inicialmente também de Luiz de Aguiar Costa Pinto – Universidade do Brasil (1950-51), acompanhando seus desdobramentos em vários estágios posteriores de treinamento e orientação de estudantes americanos na Bahia, ainda por mais de duas décadas.

Como um dos fundadores e membro do seu Conselho Diretor até 1967, ocupou vários cargos de direção,<sup>19</sup> na FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NA BAHIA (1950-1968), criada inicialmente para gerir os recursos destinados ao Programa Bahia-Columbia University. Na Fundação, teve um papel decisivo no apoio a projetos de pesquisa e na concessão de bolsas de estudo a pesquisadores. Quando primeiro dos pró-reitores da Universidade Federal da Bahia, na qualidade de Diretor do Departamento Cultural (03 de julho de 1961 a 04 de janeiro de 1963), gestão Albérico Fraga, abriu a discussão, entre o corpo docente, sobre a reforma universitária, retomada quando diretor da Faculdade de Filosofia entre 10 de setembro de 1964 a 09 de setembro de 1967.

Com sua posição na Reitoria, viabilizou a fundação e foi o primeiro diretor (1962/64) do INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, uma aspiração vin-

<sup>19</sup> Até o momento não foi possível saber exatamente quais cargos, devido à destruição dos arquivos da Fundação, cuja direção cabia ao Presidente, Vice-Presidente e sobretudo Secretário Geral, tendo sido Anísio Teixeira o primeiro Secretário Geral.

da de 1955-56, quando tentou articular a formação de um *Centro de Pesquisas Sociais* na Faculdade de Filosofia. O ICS foi um dos primeiros novos institutos básicos criados na Universidade da Bahia, que associava pesquisa e ensino e promovia cursos pioneiros de pós-graduação em ciências sociais fora do Rio de Janeiro e São Paulo. Por razões políticas e resistências internas à UFBA, o Instituto sofreu intervenção do Exército, no início de 1965.<sup>20</sup> Teve seus arquivos totalmente destruídos e esfacelada sua biblioteca, vindo finalmente a ser extinto no final da década de 60. Nesse intervalo, Thales de Azevedo - que deixara a direção do Instituto para dirigir a Faculdade de Filosofia - escreveria vários textos sobre ensino superior e reforma universitária.

#### O GOSTO DE ENSINAR<sup>21</sup>

Como a pesquisa, o ensino foi uma atividade fundamental para Thales. Eram aulas meticulosamente preparadas, desenvolvidas mediante esquemas minuciosos, com indicações bibliográficas que divergiam da tradição do ensino na Bahia e talvez mesmo em outras partes do país. Mas ensino e pesquisa estiveram intrinsecamente associados ao estímulo ao debate e ao constante contato com a comunidade acadêmica.

Na Faculdade de Filosofia cria, em 1953, o SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA, que perdurou com reuniões semanais pelo menos até parte da década de 60 do último século, e cujas sessões eram sistematicamente anunciadas em cartões por

ele próprio datilografados, colocados no quadro de aviso do saguão da Faculdade. Por ele passaram, segundo o registro das 100 primeiras sessões (1953-1º semestre, 1959), G. Herbert Blumer, Leon Bourdon, Edison Carneiro, John Friedmann, Wilson Martins, M. Herskovits, Juan Comas, Jean Tricart, Pierre Monbeig, os professores da própria universidade - Frederico Edelweiss, José Calasans, Jorge Calmon, Hélio Simões, Luiz H. Dias Tavares, José Valladares, J. Wanderley Pinho, Cora Pedreira, e também jovens pesquisadores como Cláudio Veiga, Dalmo Pontual, Waldir F. Oliveira, Maria de Azevedo Brandão, Milton Santos, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Teresa Cardoso, Nilda Guerra de Macedo, Antônio Cabral de Andrade e, na continuidade, artistas, escritores, outros professores e profissionais, além de colegas de outros estados e do exterior.

Cartões de anúncio de reuniões e notas dispersas indicam a realização de mais outras reuniões. Um cartão datado de 29 de maio de 1962, referindo-se ao 10º aniversário do Seminário, anuncia a 127ª reunião, a realizar-se em 1º de junho seguinte. Cartões e notas encontrados acrescentam, não repetindo pessoas já citadas, os nomes de Charles Wagley, Ryland R. Madison, Manoel Jerônimo Ferreira, Raimundo Duarte, Zahidê Machado Neto, William C. Boyd, Jean Dauvignaud, Valentin Calderon, Joaquim Batista Neves, Jacques Lambert, Pedro David (argentino) e Geraldo Semenzato. Em uma relação escrita por Thales, de encontros entre 1959 e 1962, há referência à 128ª reunião, em 14 de setembro de 1962, com Sara Gudschinsk, e à 129ª, em 03 de dezembro de 1962, com Paul T. Baker. Em nota nas memórias do autor, há uma referência à continuidade do seminário até 1967.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Apesar da resistência do Reitor Miguel Calmon Sobrinho, sua nova diretora - Maria de Azevedo Brandão (set. 1964 - jan. 1965) - foi afastada da direção, indiciada em dois processos policiais militares, um deles com pedido de prisão preventiva, exilando-se na Grã Bretanha.

<sup>21</sup> V. OLIVEIRA, Waldir Freitas. "Um ato de gratidão". *Universitas*, Salvador: UFBA, n. 30, mai./ago. 1982, p. 25-31; CARDOSO, Suzana Alice. "Um mestre na universidade", *A Tarde*, Caderno Cultural, Salvador, 16 set. 1995, p. 5; BRANDÃO, M. A. "Thales de Azevedo: a herança fecunda". *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 43, mar. 1998, p.465-484; CONSORTE, Josildeth Gomes. Sentida ausência, *A Tarde*, Caderno Cultural, Salvador 16 set. 1995, p. 10; IVO, Anete Brito Leal. "Palavra de horizontes múltiplos", *A Tarde*, Caderno Cultural, Salvador, 16 set. 1995, p. 9.

<sup>22</sup> É possível que Thales esteja aí confundindo as reuniões do Seminário com os seminários que passaram a ser realizados a partir de 1962 no instituto de ciências sociais UFBA, até 1964. Por outro lado, como o ICS foi ocupado pelo exército no início de 1965, é possível que ele tenha retomado o Seminário de Antropologia, até 1967, na Faculdade. Vale registrar que falta aqui uma consulta ao arquivo funcional de Thales na Faculdade, até o final do seu mandato como Diretor, quando se ausentou da Universidade por alguns meses, em meio ao clima de delações e perseguições a estudantes e vários professores, aposentando-se, como visto, em 1969 (v. nota 15).

No INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (1962-67), por sua vez, manteria a tradição do SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA, promovemos, nos três anos de sua existência antes da intervenção pelos serviços de segurança, cursos e debates de que participaram J. Medina-Echevarria, Frank Tannenbaum, Roger Bastide, Kátia Q. Mattoso, Caio Prado Jr., Pierre George, Hélio Jaguaribe, Alain Touraine, Rodolfo Stavenhagen, Rômulo Almeida, Ignácio Rangel, recebendo visitas de Victor Uriguidi, F. Henrique Cardoso, Anísio Teixeira, Marvin Harris, Jorge Ahumada, Gino Germani, Donald Warren, Gilberto Freyre, Arthur Neiva, José Midlin, I. Wallerstein, Sergio Bernardes, Anibal Vilela, Richard Graham e outros.

## CICLOS TEMÁTICOS

A bibliografia de Thales de Azevedo inclui – além de uma persistente atividade de articulista, com mais de 1.600 artigos publicados em jornais diários ou semanais, sendo mais de 1.500 em *A Tarde* – mais de duzentos textos em periódicos especializados e coletâneas de terceiros, dezoito livros, incluídos dois casos de reedições com alteração e ampliação, e ensaios avulsos, treze coletâneas de textos seus e dois livros de ficção-memória.

Embora se tenha ocupado de um espectro muito amplo de assuntos, Thales de Azevedo desenvolveu alguns longos ciclos de pesquisa, em que se destacam os temas medicina, historiografia, relações raciais, imigração e aculturação, catolicismo popular, relações Estado e Igreja, caráter nacional e ideologia, cotidiano e temas de ensino e pesquisa. Antes da formatura em Medicina (1927), já havia escrito dois textos de etnografia histórica ligados à medicina entre indígenas brasileiros. Formado, torna-se uma presença ativa em revistas médicas, somando mais de trinta artigos em medicina e saúde pública até 1950<sup>23</sup>. Mas inclina-se pro-

gressivamente para as ciências sociais.<sup>24</sup>

Já em 1941, um artigo seu – “O rancho de gaúchos brasileiros e uruguaiois” (*Boletim de Educação e Saúde*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 30-33. Jun. 1941) – seria recebido por Gilberto Freyre com a afirmação de que

todos os que vêm acompanhando as notas já publicadas pelo Sr. Thales de Azevedo sinceramente desejam que resulte um livro. Pois não será improvisado ou escrito só pela vontade de publicar coisas que pareçam sociologia ou ciência social. Será um livro que de fato reunirá esclarecimentos valiosos sobre aspectos ainda pouco estudados da formação social do Rio Grande do Sul.<sup>25</sup>

O ciclo de trabalhos em historiografia teve seu marco mais expressivo em *Povoamento*. Convidado para escrever uma história demográfica da Cidade do Salvador, produz “... um trabalho de história social”, como reconhece João Reis.<sup>26</sup> Marisa Côrrea, Universidade de Campinas, chama a atenção de que Thales de Azevedo

é um dos poucos antropólogos brasileiros que emprestou força à relação – tão moderna nos anos oitenta deste século – entre antropologia e história.<sup>27</sup>

Além da edição original pela Prefeitura de Salvador, 1949 (415p.), *Povoamento* teria duas reedições: Cia. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1955, v. 281 da Série Brasileira (504p.), e uma edição local em 1969 (428p.) Escreveria, anos mais tarde, em colaboração com Edilberto Vieira Lins, uma das raras monografias brasileiras, na época,

medicina brasileira”. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Salvador, jan. 1999. Thales publicou em Brasil Médico (Rio de Janeiro), Mundo Médico (Rio de Janeiro), The Journal of the American Medical Association (Chicago), Anais da Sociedade de Medicina da Bahia (Salvador), Pediatria Prática (São Paulo), Pediatria e Puericultura (Salvador), Hora Médica (Rio de Janeiro), Arquivos Brasileiros de Nutrição (Rio de Janeiro), Revista Médica Brasileira (Rio de Janeiro), Anais da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia (Rio de Janeiro), Revista Brasileira de Medicina (?), Bahia Médica (Salvador).

<sup>23</sup> Sobre o trabalho de Thales de Azevedo em medicina, v. discurso de ingresso de Carlos Marcílio de Souza na Academia de Medicina da Bahia, 1998, ao ocupar a cadeira de Nina Rodrigues, na vaga de Thales de Azevedo: “De Nina Rodrigues a Thales de Azevedo: alargando os limites da

<sup>24</sup> V. CONSORTE, Josildeth Gomes. “Thales de Azevedo: desaparece o último dos pioneiros dos antropólogos brasileiros de formação médica”. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, mar/jun. 1996, p. 133-136; & SOUZA, Carlos Marcílio de, loc. cit.

<sup>25</sup> In: Correio da Manhã, Rio, 15 dez. 1941.

<sup>26</sup> REIS, João José. “Historiador da cultura do cotidiano”. Revista da Bahia, Salvador, v. 32, n. 20, dez. 1995, p. 19-22.

<sup>27</sup> Cf. Saudação, UFBA, Salvador, dezembro, 1993.



sobre a história de uma instituição financeira – *História do Banco da Bahia – 1858/1958* (1969), bem como vários outros textos que aprofundam questões históricas, sobretudo sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul e imigrantes italianos na Bahia, a história eclesiástica e as relações Estado e Igreja no Brasil, e orientações ideológicas entre determinados círculos intelectuais e institucionais no país.

Thales de Azevedo dedicou anos de trabalho ao Rio Grande do Sul e sobretudo à imigração e aculturação de italianos. Desde 1941, depois de uma viagem a passeio, para visitar parentes de minha mãe, começou a escrever sobre o Rio Grande, reunindo esses primeiros textos em *Gaúchos* (1943), e culmina com o premiado *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*, (com duas edições 1975 e 1982), “Primeiro Prêmio no Certame de Letras *Biênio da Colonização e Imigração*”, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1975. Por extensão, estuda os italianos na Bahia – v. *Italianos na Bahia e outros temas* (1989) – e escreve um conto-memória, *A Filha do Alferes: nos arredores das Guerras do Sul* (1993), inspirado nas conversas da avó Adele sobre os pampas e as Guerras do Sul, como filha de José Roberto de Carvalho, sergipano, alistado na força expedicionária como alferes. As sistemáticas notas de campo sobre os italianos no Rio Grande, para *Italianos e Gaúchos*, seriam mais tarde publicadas pela U. de Caxias do Sul, como *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa* (1994), um raro volume no gênero entre as publicações brasileiras e fonte inestimável para o aprofundamento do estudo do Rio Grande e da imigração e aculturação de italianos no Brasil. Essa publicação deveu-se ao empenho dos Profs. Cleodes Piazza Ribeiro e José Clemente Posenato,<sup>28</sup> do ECIRS-Programa Elementos Culturais das Colônias Italianas do Rio Grande do Sul, daquela universidade.

Além dos estudos sobre o Rio Grande do

<sup>28</sup> Posenato, um descendente de italianos da região, viria a escrever em seguida o roteiro de *O quatrilha*, filme que focaliza a vida na região estudada por T. Azevedo.

Sul, a variada origem regional de sua própria família, os diferentes estados para onde migraram tios e primos seus e a descoberta de um Brasil diverso embora nacional, com a primeira viagem ao Rio Grande, levaram-no, desde cedo, ao interesse por variações culturais inter-regionais. Para o PROGRAMA ESTADO DA BAHIA – COLUMBIA UNIVERSITY, produz uma proposta de divisão regional do estado, de base sócio-cultural, com que fundamenta a escolha que seria feita das comunidades a serem estudadas no âmbito daquele programa, a começar das regiões Chapada Diamantina, Recôncavo da Bahia e Alto Sertão, a que se somaria, mais tarde, a Zona Cacaueira. Para a I Reunião Brasileira de Antropologia, seção da I Reunião Brasileira de Anatomia e Antropologia, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1953, compromete-se a escrever sobre o tema “Áreas Regionais” e, em 1956, publica “As sub-culturas brasileiras: introdução ao estudo de suas áreas de distribuição geográfica”.<sup>29</sup>

Outro ciclo de trabalho teve como foco o catolicismo no Brasil, uma série de trabalhos pioneiros, iniciados com “Catholicism in Brazil: a personal evaluation” *Fordham University Quarterly*, v. 28, n. 109, p. 253-274. N. York, verão de 1953. Além dos ensaios sobre o catolicismo popular, em 1959 publica “Aculturação dirigida: notas sobre a catequese indígena no período colonial brasileiro”, apontando a catequese como um processo de imposição cultural. Outras versões desse tema seguem-se depois. Este ciclo inclui também o estudo de outros aspectos das relações Estado e Igreja no Brasil, inclusive o premiado *Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia* (1978), com o Premio Wanderley Pinho, Salvador, Bahia, e culmina com *A guerra aos párcos: episódios anti-clericais na Bahia* (1991).<sup>30</sup>

Na década de 50, integra-se à rede de pesquisadores sobre as relações interétnicas no Brasil. A recusa do preconceito racial tivera um antecedente inicial no artigo “Raças humanas superio-

<sup>29</sup> Técnica, Salvador: Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, n. 37, dez. 1956 [Separata].

<sup>30</sup> V. HOORNAERT, Eduardo. “Sociologia do Catolicismo no Brasil”. *Revista da Bahia*, Salvador, v. 32, n. 20, dez. 1995, p. 12-18.

res e raças inferiores” (1931), mais tarde retomada *en passant* em *Povoamento* e em *Civilização e mestiçagem* (1951). Mas o ciclo de estudos de relações raciais tem um marco decisivo no seu trabalho para a UNESCO, *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*, Paris: UNESCO (1953), editado em português como o v. 282 da Série Brasileira da Cia. Editora Nacional (1955)<sup>31</sup> e mais recentemente pela Universidade Federal da Bahia (1996), acrescido de um prefácio nosso e do artigo “Classes sociais e grupos de prestígio” (1956), texto importante para a compreensão desse trabalho.<sup>32</sup> Sobre esse tema, Thales ainda escreveria uma série de trabalhos até meados da década de 70, particularmente a coletânea *Democracia racial: ideologia e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1975.

Com interesse nos estudos de caráter nacional, escreveu, sobretudo a partir da década de 70, vários ensaios, como os reunidos em *Os Brasileiros: estudos de caráter nacional* (1981), e fez uma análise da gênese e motivações da ideologia da segurança nacional dos anos 60 e 70, expressa em artigos que viriam a ser publicados em *A religião civil brasileira: um instrumento político* (1981).

Já desde *Povoamento* ele fora atraído por temas do cotidiano, a exemplo da vida em família, da mancebia, da prostituição, da vadiagem, da alimentação, dos temperos, do sal, dos talheres, do sabão, dos jejuns, dos vomitórios, da morte.<sup>33</sup> Essa vertente expressar-se-ia mais tarde em textos como “Família, casamento e divórcio” (1960, 1961, 1965), *Namoro à antiga* (1970, 1975 e 1986), “Linchamentos no Brasil” (1974), “A francesia baiana de antanho” (1985), *Ciclos da vida; ritos e ritmos* (1987), *A praia; espaço de socialidade* (1988), *Praças e chagas na poesia et coetera* (1992), “O sorri-

so do lagarto: preocupações bio-éticas de João Ubaldo Ribeiro” (1991), entre outros. Recentemente, a Editora Massangana editou uma coletânea de textos seus nessa área – AZEVEDO, T. *O cotidiano e seus ritos*, Recife, F. Joaquim Nabuco, 2004, com ensaios de Roberto da Matta, M. Rosário Carvalho, Rita de Cássia B. Araújo, apresentação de Antonio Motta e um texto nosso sobre aquele ciclo e sua bibliografia sobre o cotidiano. De certo modo, fora o interesse pelo diverso que o levava aos estudos críticos sobre o catolicismo popular e a Igreja Católica no Brasil. Por outro lado, é possível ligar também, a esse campo do cotidiano, o interesse pelos estudos já citados sobre caráter nacional e ideologia.

Thales de Azevedo ocupou-se também da política de ensino e pesquisa, escrevendo vários textos inéditos sobre o tema já desde 1959, publicando *A Reestruturação da Universidade: estudo preliminar*, UFBA (1964), culminando com *Evasão de Talentos*, 1968, um documento-apelo por atenção à perda de pessoal qualificado por parte dos países pobres e uma crítica à política brasileira de ensino e pesquisa<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Sobre a contribuição de Thales de Azevedo em ciências sociais no Brasil, além das fontes citadas ver, entre outras, “Thales de Azevedo”. *International Dictionary of Anthropologist*, N. York e Londres: Garland Publishing, 1991; DaMATTÁ, Roberto. “Prefácio a As regras do namoro à antiga”, S. Paulo: Editora Ática, 1986; CORREA, Marisa. “Thales de Azevedo e a fundação da antropologia no Brasil”. *A Tarde*, Salvador, ago. 1995; CARVALHO, Maria Rosário. “Herança da tradição antropológica”. *Revista da Bahia*, Salvador, 1995, v. 32, n. 20, p. 28-32; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Uma abordagem antropológica de valor no Brasil: a contribuição de Thales de Azevedo”. *Cadernos CERU*, São Paulo, Série 2, n. 7. 1996; DaMATTÁ, Roberto. “A boa morte”. *Jornal da Tarde*, S. Paulo, 10 ago. 1995 e *A Tarde*, Caderno Cultural, Salvador, 13 abr. 1996, p. 5; RIBEIRO, Renê. “Minha percepção de Thales de Azevedo”, *A Tarde*, Salvador, 28 ago. 1984; FERNANDES, Florestan. “Perfil humano de um antropólogo” *A Tarde*, Salvador, 28 ago. 1984; FREYRE, Gilberto. “Em louvor do mestre Thales de Azevedo”, *Universitas*, Salvador: UFBA, n.6/7, mai./dez. 1970; LEEDS, Anthony. “Thales de Azevedo’s influence on Brazilian studies by North-Americans: a personal note.” *Universitas*, Salvador: UFBA, n.6/7, mai./dez. 1970; WAGLEY Charles & WAGLEY Cecília Roxo. “Serendipity in Bahia, 1950/70”, *Universitas*. Salvador: UFBA, n. 6/7, mai./dez. 1970; BRANDÃO, M. A. “Thales de Azevedo, a institucionalização”, op. cit., v. nota 29 acima. Thales de Azevedo publicou, na área das ciências sociais, em vários periódicos nacionais e estrangeiros, como a *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), o *Boletim do Museu Nacional* (Rio de Janeiro), a *Revista do Museu Paulista* (São Paulo), *Sociologia* (São Paulo), *Verbum* (Rio de Janeiro), *Le Courier* (UNESCO, Paris), *Thought*: Fordham

<sup>31</sup> V. GUIMARÃES, Antônio Sérgio. “Estudos de relações raciais”. *Revista da Bahia*, Salvador, vol. 32, n. 20, dez. 1995, p. 23-27; \_\_\_\_\_. “Quando mulatos embranquecem”. *A Tarde*, Caderno Cultural, Salvador, 9 nov. 1996, p. 4; & BRANDÃO, M. A. “Thales de Azevedo, a institucionalização das ciências sociais na Bahia e o ciclo dos estudos das relações inter-étnicas. Afro-Asia. Salvador, n. 17, 1996, p. 213-229.

<sup>32</sup> O artigo de 1956 parece ter sido originalmente esboçado para compor o livro, não tendo sido incluído em razão da orientação dada à série a que pertence *Lês Elites*...

<sup>33</sup> V. REIS, J. J. op. cit.

## ATUALIDADE E VIGÊNCIA NA COMUNIDADE ACADÊMICA

Embora vivendo fora de centros maiores de intercâmbio, desde cedo Thales acompanhou a literatura científica em suas áreas de interesse. Ainda sem contato com o ensino universitário em ciências sociais, começa a escrever, como vimos, já no ano da formatura em Medicina (1927), sobre temas de etnografia histórica, baseado em viajantes e etnógrafos nacionais e estrangeiros, mediante o acesso à biblioteca do amigo e futuro colega na Universidade da Bahia, Frederico Edelweiss. Como em “Raças humanas superiores e raças inferiores” (1931), esses primeiros escritos já revelam familiaridade com a bibliografia científica da época. Por sua vez, a bibliografia de *Povoamento*, trabalho elaborado entre 1943 e 48, desde sua primeira edição, indica o conhecimento de fontes contemporâneas, como Herbert Baldus, Roger Bastide, Ruth Benedict, Franz Boas, Gilberto Freyre, Alexander Goldenweiser, M. Halbwachs, Melville Herskovits, Sérgio Buarque de Holanda, Kurt Levin, Robert Lowie, Emílio Willems, Margaret Mead, Lúcio Mendieta y Nunes, Alfred Metraux, Robert Park, Roberto Simonsen, Arthur Ramos, Paul Rivet, Nelson Werneck Sodré, um elenco em grande parte inédito na historiografia baiana e mesmo brasileira. Na 3ª edição de 1969, amplia e revê minuciosamente essas indicações, num prefácio especial para aquela publicação, na qual os longos índices

University Quarterly (New York), América Indígena (México), Anthropological Quarterly (Washington), Journal of Inter-American Studies (Gainsville, USA), The Furrow (Maynooth, Irlanda), American Anthropologist (Menasha, USA), Revista de Cultura Vozes (Petrópolis), Revista de História (São Paulo), Man (Londres), Cadernos Brasileiros (Rio de Janeiro), Universitas (Salvador: UFBA), Internationales Jahrbuchuer Religion – Sociologie (Munster, Alemanha), Revista Brasileira de Psiquiatria (São Paulo), America Latina (Rio de Janeiro), Revista de Cultura da Bahia (Salvador), Ciência e Cultura (São Paulo), Revista da Academia de Letras da Bahia (Salvador), Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Salvador), Planejamento (Salvador), Cahiers du Monde Hispanique et Luzo-Brésilien Caravelle (São Paulo), Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (São Paulo), Archives des Sciences Sociales des Religions (Paris), Religião e Sociedade (Rio de Janeiro), Mensário do Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Revista de Antropologia (São Paulo), Anuário Antropológico (Fortaleza), Revista da Academia Rio Grandense de Letras (Porto Alegre), Revista da Bahia (Salvador).

remissivos das edições anteriores foram infelizmente subtraídos pela editora, à revelia do autor.

Outro exemplo de atualização quanto à bibliografia especializada liga-se ao empenho em criar um novo modo de ensinar, particularmente em firmar a Antropologia na Bahia. No texto da aula inaugural da Faculdade de Filosofia de 1951 – “Cultural e biológico em antropologia”, publicado em *Civilização e mestiçagem* (1951), justifica sua posição não reducionista, com referências a dezenas de fontes, incluindo teóricos estrangeiros e cronistas e clássicos da ensaística e da historiografia brasileiras. O mesmo padrão repete-se a cada novo tema. Com isso, o registro dessas fontes pode contribuir para a reconstrução de vários aspectos da formação dos esquemas conceituais da História, Sociologia e Antropologia no Brasil, durante sua presença por mais de 50 anos em reuniões e publicações especializadas nessas áreas.

A atualidade e presença desse médico e pioneiro em ciências sociais no Brasil expressam-se também em sua vigência como membro destacado de entidades científicas e culturais. Como médico, entre outras associações, pertenceu ao Instituto Brasileiro de História da Medicina, à Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia, à Sociedade Brasileira de Alimentação, à Academia Brasileira de Ciências Médico-Sociais, ao Conselho Técnico-Administrativo do IBIT – Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose, hoje Fundação José Silveira, e à Academia de Medicina da Bahia.

Além da já mencionada participação na direção da FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NA BAHIA, participou ainda da Academia Brasileira de História, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Panamericano de Geografia e História – México, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (correspondente), da Academia Rio-Grandense de Letras (correspondente), da Sociedade Brasileira de Sociologia, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da American Anthropological Association, tendo sido membro do Conselho Deliberativo do Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBA, nomeado em

1º de julho de 1963. No Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, foi vice-presidente em 1977 e presidente eleito sucessivamente por cinco biênios, entre 1978 e 87.

A publicação em revistas especializadas e a presença em encontros profissionais, inicialmente em medicina e em seguida em história, desdobraram-se, sobretudo, na participação ativa na ABA – Associação Brasileira de Antropologia, desde antes de sua fundação, já nas reuniões precursoras de 1953 e 1955. Preside a reunião de 1953, I RBA, no Museu Nacional (Rio de Janeiro) como Vice-Presidente, em substituição a Herbert Baldus, por força de um pequeno acidente deste. Dirige a Comissão Organizadora e preside a reunião de 1955, a II RBA, em Salvador, a primeira reunião especificamente nacional de antropólogos havida no Brasil, quando se funda a ABA. A partir daí, participa de todas as reuniões da Associação, à exceção do encontro de 1971 devido às dificuldades do período militar, e integra continuamente seu conselho científico.<sup>35</sup> Em 1974-76 assume a presidência,<sup>36</sup> organizando a 10ª reunião, em Salvador, e torna-se seu Presidente de Honra em 1988.

Ministrou cursos e/ou apresentou-se em seminários nas universidades Columbia (N. York, outono/inverno de 1952 e outono-inverno de 1973), Wisconsin (Madison-USA, 1960), Pedro Ruiz Gallo (Peru), Madrid e Lisboa, além de palestras em várias universidades brasileiras, no Instituto Joaquim Nabuco (Recife), na U. Católica da América (Washington), na Rutgers University (N. Jersey, USA), City University of New York, e nas universidades de Coimbra, Fordham (N. York), Quebec, Toronto e Laval (Canadá), Louvain (Bélgica), Paris, Bordeaux, Toulouse e Poitiers (França). Participou em bancas examinadoras de concursos e doutoramentos na Columbia University e nas

universidades Federal do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Campinas, nos quais foram examinados professores e pesquisadores como Marina Vasconcelos (Cátedra), Marvin Harris (Doutorado), Egon Schaden (Docência Livre e Cátedra), Octavio Ianni (Doutorado), Fernando Henrique Cardoso (Doutorado), Maria Isaura P. Queiroz (Docência Livre e Professor Associado), Florestan Fernandes (Cátedra), João Batista B. Pereira (Professor Associado e Professor Titular), Maria Manuela Carneiro da Cunha (Docência Livre e Professor titular) e Sérgio Micelli Pessoa de Barros (Docência Livre), Prêmio Banorte de Interpretação da Cultura Brasileira.<sup>37</sup>

## LIVROS, ENSAIOS AVULSOS E COLETÂNEAS DE THALES DE AZEVEDO

### Livros e ensaios publicados separadamente\*

1. *Fibromyomas do útero: notas e estatísticas na Bahia*, Salvador, 1927 [Tese Inaugural, para obtenção do doutorado em Medicina].
2. *Povoamento da Cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1949. 415p; 1955 e 1969.
3. *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*. Paris: UNESCO, 1953, 107p; 1955 e 1996 (em português).
4. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. 70p.; e 2004.
5. & SAMPAIO, Nelson de Souza, & MACHADO NETO, A.L. *Atualidade de Durkheim*. Introdução de Thales de Azevedo. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 131p.
6. *Antecedentes do homem*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1961, 76p.
7. *Social change in Brazil*. Gainesville: University of Florida Press, 1963, 83p.
8. *As ciências sociais na Bahia: notas para sua história*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1964, 81p.
9. *As funções da Faculdade de Filosofia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia, 1966. 29p.
10. *A evasão de talentos; desafio das desigualdades*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1968, 153p.
11. & LINS, Edilberto Q. Vieira. *História do Banco da Bahia (1858/1958)*, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969, 271p.

<sup>35</sup> Além das informações contidas em CORRÊA, Mariza. As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003), Brasília, DF: ABA, 2003, agradeço a Mariza várias informações passadas antes da publicação supra.

<sup>36</sup> V. AGOSTINHO, Pedro. "Uma luz no renascer da ABA", A Tarde, Caderno Cultural, Salvador, 13 abr. 1996 p. 4, em que o autor se refere ao papel de Thales na retomada das atividades regulares da ABA a partir de 1974, culminando com a sua eleição para o biênio 1974-1976.

<sup>37</sup> Os dados deste parágrafo estão sendo revisados, visando possíveis correções e/ou ampliações.

12. *Namoro à antiga: tradição e mudança*. Salvador: Ed. do autor, 1975, 69p.
13. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975, 310p; e 1982.
14. *Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia*. São Paulo: Ed. Ática, 1978, 179p.
15. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986, 146p. Ed. revista e ampliada de *Namoro à antiga*, 1975.
16. *As ciências sociais na Bahia: notas para sua história*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1984, 92p. Ed. revista e ampliada de *As ciências sociais na Bahia: notas para sua história*.
17. *Ciclos da vida: ritos e ritmos*. São Paulo: Ed. Ática, 1987, 87p.
18. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1994, 560p.
8. *Os brasileiros: estudos de caráter nacional*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1981, 64p.
9. *A religião civil brasileira: um instrumento político*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981, 142p.
10. *Italianos na Bahia e outros temas*. Introdução. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1989, 112p.
11. *A guerra aos párocos: episódios anticlericais na Bahia*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1991, 156p.
12. *Pragas e chagas na poesia et coetera*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992, 157p.
13. *Cotidiano e seus Ritos: praia, namoro e ciclos da vida*. Textos do autor e ensaios de Roberto da Matta, Maria de Azevedo Brandão, Maria Rosário Carvalho, Rita de Cássia Araújo e Antonio Motta. Recife: Editora Massangana, 2004, 384p.

#### Coletâneas com textos exclusivos do autor

1. *Gaúchos: notas de Antropologia Social*. Salvador: Ed. do autor, impresso na Tipografia Naval, 1943, 76p; 1958 e 1993.
2. *Civilização e mestiçagem*. Salvador: Ed. Progresso, 1951. (Ensaio, Série Miniatura, 6), 69p.
3. *Problemas sociais de exploração do petróleo na Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1959, 18p.
4. *Ensaio de Antropologia Social*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1959, 183p; e 1960.
5. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966, 199p.
6. *Democracia racial: ideologia e realidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975, 107p.
7. *Namoro, religião e poder*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1980, 143p.

#### Ficção memória/ Documentário

1. *Foi Deus não acontecer nada*. São Paulo: Ática, 1984, 74p. Novela
2. *A filha do alferes: nos arredores das Guerras do Sul*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1993. Conto e memória.

\* Dois títulos foram repetidos, por serem as reedições substancialmente revistas em relação às primeiras edições. Vale ainda notar que algumas coletâneas aqui listadas são efetivamente monotemáticas, embora não classificadas de princípio como tal, pelo fato de que seus textos foram construídos a partir de ensaios que se foram acumulando com o tempo, e não redigidos em seqüência.

(Recebido para publicação em junho de 2005)  
(Aceito em agosto de 2005)